

# abolição via vargas

carlos henrique carneiro

1ª edição  
Campinas – São Paulo, Brasil  
2021

Copyright © 2021 Carlos Henrique Carneiro

capa: Visconde de Mauá, Rio de Janeiro  
[foto do autor]

revisão: *Ana Maria Dias Vitale*

CIP (Dados Internacionais da Catalogação na Publicação)

Carneiro, Carlos Henrique

abolição via vargas / Carlos H Carneiro

-- 1. ed. -- Campinas, SP : Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-26366-4

1. Ficção brasileira I. Título.

21-72108

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

impresso por editora Clube de Autores

Proibida reprodução total ou parcial  
Infratores serão processados nas formas da lei

carlos h carneiro

*para*

*Fabiana, Carolina,  
Cristiana e Felipe*

abolição via vargas

*A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. (...) Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria filhos; pisca e geme os reumatismos. Por fim pisca pela última vez e morre.*

*- E depois que morre? - perguntou o Visconde.*

*- Depois que morre vira hipótese. É ou não é?*

Monteiro Lobato

abolição via vargas

*Ouça-me bem, amor  
Preste atenção,  
o mundo é um moinho*

Cartola

abolição via vargas

## zero

Sarjeta enrugada, formigas, resto de comida, tampa de refrigerante, sacos de lixo, pombos.

Continuo caminhando pra digerir esse mar de urbanidade. Queria poder dizer: *a partir de hoje, só fazer aquilo que gosto.*

Já ouço as risadas.

Por isso, coloquei palavras de duplo sentido neste livro.

Capítulos com várias as intenções e cores possíveis. Além de virar do avesso meu superego de propósito.

É assim a vida.

Avenida Abolição.

Depois, centro.

Rua Barão de Jaguará.

Café Regina.

Casa de Hercule Florence.

Praça.

Lugares com nome de um maestro famoso.

O maestro.

No sol, a batuta parece mudar de cor.

É Carlos Gomes.

Seu mausoléu está na praça.

Não vejo estátua para Florence.

Ainda não existe ali. Fico imaginando motivo.

Pelo calçamento, as folhas caídas, formigas, umas latinhas de refrigerante, casca escurecida de fruta, marcas de calçamento remendado, cocô de pássaro, trilho de água.

A lua vai aparecer, mais tarde. Certeza.

É assim a vida.

Já a minha limita-se a ser observado; sonhar com padaria aos domingos; ouvir música de Jorge Ben. Uma em específico, já vou contar qual é.

No cotidiano, há o Antônio Vivaldi e o Carlos Gomes, preferidos de dez entre dez pilotos de secretaria de museu.

Hoje, o sol quase encoberto.

Rua Bernardino de Campos.

Barulhos de gente, ferramentas diversas.

Motores a combustão.

Fios. Postes. Grades de ferro. Trilho de água suja.

Bueiro.

Andar.

Estou na avenida Abolição, de novo.

Ônibus demora.

Ansiedade de sempre. É isso o que move a gente?

Desejo é movimento ou estado?

Paixão é estado, isso eu sei.

Entre desejo e paixão, pequena distância.

Desejo é diagnóstico. É martelo. A paixão, o prego.

Muita gente se esfarela pelo desejo. Muita gente já subiu em pedestal ou virou figura de linguagem por causa do desejo.

Existe o mito de Moema. Está lá no “Caramuru”, do Santa Rita.

Um museu sempre foi o melhor lugar pra se preservar esse poço de energia cinética, não um livro. Uma lutadora, essa Moema. Confundi desejo e paixão, estrepou-se.

E existe a selvagem Iara, entidade profana da minha gente. Mito brasileiro, orgânico. Florestal.

Um museu. Em três dimensões. Acreditem.

E existe também aquele sangue todo ao lembrar Inês de Castro.

Apaixonada, não enxergou a trama do sogro que a queria morta. Caiu Inês. Caiu porque não soube desejar ou, justamente, porque soube muito. Ela deve ser preservada em museu, não em mosteiro de Alcobaça.

Versos de Camões sobre essa história me deixam com pulgas na orelha. Ele diz, lá em “Os Lusíadas”:

*“Estavas linda Inês posta em sossego  
de teus anos colhendo o doce fruto  
naquele engano de alma ledo e cego”*

Até Luís de Camões tripudia desse negócio de querer muito a todo custo. “*Naquele engano de alma*”. Que fase a da paixão.

Perde-se a razão, perde-se noção de realidade. Na melhor das hipóteses, permite saber tempo de gozo, posição melhor dos joelhos, reconhecer luz incidindo no teto, perfume da pele, essas coisas.

Desejar não ser só isso. Realizar o desejo também. Mas é o que tem pra hoje.

Camões escreve “*cego*”. Dispensa tradução.

Agora, “*doce fruto*” é magia sensual para poucos. Entender do colher e do saborear.

Doce fruto.

Sinto o gosto aqui.

Inês merece mesmo estar onde está.

Mas eu não sou curador de museu. Entendo pouco de fantasias. Meu trabalho é mais técnico, não precisa muita emoção.

Anotou? Iara, Moema, Inês.

E não vim aqui falar de amor não, porque isso não existe. A conversa é bem outra.

Estamos só começando.

# 1

Caminho pela avenida Abolição, rumo ao centro e fico com tempo para mastigar essas filosofias arteriais que, no fundo, servem para enlouquecer desavisados.

Controle, ciência, origem, querereres, argumentos e uma dose de desconfiança. Diria medo mesmo.

Fico mastigando isso e chego a poucos lugares.

Geralmente, durante o trabalho, tenho bastante tempo pra meditar, vocês vão saber o que faço já-já.

Continuo caminhando.

Barão de Jaguara é uma rua hoje quase comum nesse centro velho de Campinas.

Ela é a antiga Rua Direita e ladeia a igreja do Carmo, onde há o túmulo de Barreto Leme, fundador da cidade.

Rua Direita.

Recheada de história.

Bem próximo a isso, existe o monumento-túmulo a Carlos Gomes (1836-96), o maestro, nascido na cidade, em 1838. Era julho.

A rua viu passar ali gente pobre, as madames, os escravizados, comerciantes, bichos de todo tipo, os artistas, a criançada, migrantes, cientistas, assim como foi chão de caminhada de Alberto Santos Dumont, quando veio homenagear o amigo Carlos Gomes, em setembro de 1903. O maestro estava falecido havia sete anos e o aviador viera para o lançamento da pedra fundamental do mausoléu ao artista.

Quem articulou a presença de Dumont nessa inauguração foi o professor e advogado César Bierrenbach de Castro (1872-1907). Existe estátua de seu busto, perto da que fizeram para o maestro.

O evento causou rebuliço, na cidade.

Quando Santos Dumont chegou, centenas de pessoas o aguardavam. Dentre elas, o fiscal de linha da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, Miguel do Carmo. Conhecido como “Migué”, o meio-campo da Associação Atlética Ponte Preta, havia ajudado a fundar o clube de futebol, três anos antes, em agosto de 1900.

Um rio de pessoas caminhou com o aviador, desde a estação ferroviária, passando pela rua 23 de Maio, até o local: antiga rua Direita, cruzamento com a da Cadeia.

Esta última, conhecida depois como Bernardino de Campos.

Miguel do Carmo acompanhou todo o processo, na estação, assim que o avião desceu do vagão. Havia papel picado, assobios, aplausos efusivos.

Tido como habilidoso e liderança contundente, Miguel era parte importante para o sucesso do plano. Com tempo, você descobrirá.

Contudo, não se sabe se o meio-campista da Associação Atlética Ponte Preta, naquele 18 de setembro de 1903, tenha seguido com a multidão até o local onde ficaria o túmulo do maestro. Ele tinha suas funções na ferroviária, igualmente importantes.

A baronesa Luiza Xavier de Andrade acompanhou o avião até seu palacete, na regente Feijó. Estava com o marido, o Barão de Ataliba Nogueira. Lá, serviram o almoço. Tinha camarão recheado, vinho do Porto, pescada, vinho francês, jambon, canja e o insuperável dindon: peru assado.

Para voltar à Rua Direita, Dumont subiu em um landau, aquela carruagem sem capota.

Na praça, colocou pá de cimento na base do monumento. Nele, foi sepultado o corpo do maestro, pouco tempo depois.

Só em 1905, a estátua ficou pronta e o monumento todo foi inaugurado. Era julho.

Além de Carlos Gomes, uma estátua da cantora Maria Monteiro compõe o conjunto.

Prima do maestro, morreu de infecção pulmonar, na Europa, aos 27 anos, em 1897. É a princesinha do oeste, para muitos. Prefiro cantora mesmo.

Aqui, Bierrenbach não usufruiu muito do evento que ajudou a criar. Renegado por Hortênsia – a filha do Barão do Rio Branco – César Bierrenbach atira em si mesmo, em 1907. Morreu no Rio de Janeiro. Era julho.

Ano seguinte, a rua do Góis, em Campinas, mudou para seu nome: decreto do prefeito Orosimbo Maia. Por que essa narrativa?

Porque foi ali, na rua Direita – “Barão de Jaguará” –, em 1833 que Hercule Florence criou a fotografia impressa. E essa história, vai ser crucial para as engrenagens da trama.

Olhem, essa rua Direita é um palco fértil de circunstâncias emotivas e apelo energético, bem no sentido campo magnético da humanidade, se permitem a teoria.

Por isso, exatos setenta anos depois da mágica de Florence, o local viu tão próximos o aviador e a casa nova do maestro, seu mausoléu.

Mais adiante, você vai compreender a relação de verdade entre ele e Carlos Gomes.

Entre Bierrenbach e Florence.

E entre eles e eu.